



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

DE CONTO EM CONTO, A MICRO-HISTÓRIA: NARRATIVA LITERÁRIA E PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA

FROM TALE TO TALE, MICRO-HISTORY: LITERARY NARRATIVE AND HISTORIOGRAPHICAL PRODUCTION

Michelle dos Santos¹ (UEG – PPGHIS Morrinhos)
Lilian Monteiro de Castro² (UnB/SEEDF)

Resumo:

Descrevemos abaixo como proposta teórico-analítica uma visada interdisciplinar como ampla e rigorosa investigação científica, literária e histórica, abrangendo tanto às áreas de literatura quanto de história, possuindo como objeto e campo de observação, coleta e análise os regimes de discursividade, os quais engendram a substância fictícia enquanto elemento de convergência entre a narrativa literária e a narrativa histórica. O que perseguimos a partir de uma mirada analítica nesses dois campos do conhecimento é investigar e velicar em que medida esses dois discursos se coadunam, se agregam, se justapõem num mesmo lastro de elementos formais equivalentes, como também apontar em que entroncamentos ambos os discursos se distanciam e até mesmo se repudiam, em suas condições de possibilidade, as quais possam nos revelar, ao final do trajeto investigativo, se existem, de fato, pontos comuns que formalmente estabelecem um epicentro que os conjugam num mesmo arranjo estrutural. Segundo os termos da questão, propomos analisar tanto obras literárias quanto obras historiográficas da escritora italiana Natalia Ginzburg e seu filho, o historiador Carlo Ginzburg – um dos precursores da micro-história – que, em virtude de suas possíveis relações com as formas textuais, a condição histórico-literária e o viés estético de seu tempo, a partir da visão detida tanto dos estudos literários comparados, como também dos estudos do discurso e da escrita da história, possamos estabelecer as condições e causas internas e externas ao tipo de textos criados por eles.

Palavras-chave: Micro-História. Literatura. Carlo Ginzburg. Natalia Ginzburg.

Abstract:

We describe below as a theoretical and analytical proposal an interdisciplinary viewpoint as a broad and vigorous scientific, literary and historical investigation, covering both the fields of literature and history, possessing as object and field of observation, collection and analysis discursiveness, which engender the fictional substance as an element of convergence between literary and historical narrative. What we pursue from an analytical viewpoint in these two fields of knowledge is to investigate and verify to what extent these two discourses coadunate, aggregate, juxtapose, in a same ballast of equivalent formal elements, as well as to point out at what junctions both discourses distance themselves and even repudiate each other, in their conditions of possibility, which may reveal us, at the end of the investigative path, if there are, in fact, common points that formally establish an epicenter that conjugate

¹ Graduada em História pela UEG, mestre em História e doutora em Educação pela UnB. professora efetiva da UEG Campus Nordeste – Sede Formosa, vinculada ao PPGHIS Morrinhos. E-mail: michelle.santos0803@gmail.com.

² Graduada em História e Letras pela UEG, mestre e doutoranda em Literatura pelo PósLit da UnB, professora da SEEDF. E-mail: lilianmonteirodecastro@gmail.com.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

them into the same structural arrangement. According to the terms of the question, we propose to analyze both literary and historiographic works by the Italian writer Natalia Ginzburg and her son, the historian Carlo Ginzburg - one of the precursors of history - who, by virtue of their possible relations with textual forms, the historical-literary condition and the aesthetic bias of their time, from the detained view of both comparative literary studies, discourse studies and history writing, we can establish the internal and external conditions and causes to the type of texts created by them.

Key words: Micro-History. Literature. Carlo Ginzburg. Natalia Ginzburg.

Micro-história e literatura: aproximações possíveis

O texto que ora se inicia é, a um só tempo, um dos resultados do projeto de pesquisa “De conto em conto, a micro-história: narrativa literária e produção historiográfica no epicentro da substância fictícia e o elemento da convergência discursiva”³ e abertura do projeto ““No céu de todos os livros possíveis”: intertextualidade em espiral no jogo da literatura”⁴ que elegeram como seus principais objetos as relações possíveis entre a história e a literatura.

Para tanto, entre as obras escolhidas para nossas análises ao longo de mais de três anos de pesquisa conjunta, estiveram sempre presentes as produções do historiador italiano Carlo Ginzburg, por compreendermos que a micro-história, corrente historiográfica a qual ele se vincula, se adequa muito bem às análises das representações e reconstruções do discurso histórico em romances realistas, históricos, biografias, autobiografias e metaficcões historiográficas.

Por tratar-se de um método de pesquisa que se concentra nas microestruturas socioculturais, muitas vezes vislumbrando os efeitos de processos históricos na vida de pessoas comuns – como é o caso de *O queijo e os vermes*, do próprio Ginzburg, que analisa o processo inquisitorial de um simples e pitoresco moleiro italiano Menochio –, a micro-história ofereceu-nos uma ferramenta teórica capaz de alcançar os reflexos dos processos e do discurso históricos nos microcosmos criados pelos textos romanescos, atentando-se aos detalhes. Como explica o próprio historiador em *Os fios e os rastros* (2007):

³ O projeto “De conto em conto, a micro-história: narrativa literária e produção historiográfica no epicentro da substância fictícia e o elemento da convergência discursiva” foi desenvolvido pelas autoras deste texto no Campus Nordeste – Sede Formosa da Universidade Estadual de Goiás de agosto de 2018 a julho de 2021.

⁴ O projeto ““No céu de todos os livros possíveis”: intertextualidade em espiral no jogo da literatura” entrou em vigência em agosto de 2021, sendo também desenvolvido no campus da UEG supracitado.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Ler os testemunhos históricos a contrapelo, como Walter Benjamin sugeria, contra as intenções de quem os produziu – embora, naturalmente, deva-se levar em conta essas intenções – significa supor que todo texto inclui elementos incontrolados. Isso também vale para os textos literários que pretendem se constituir numa realidade autônoma. Até neles se insinua algo de opaco, comparável às percepções que o olhar registra sem entender, como o olho impassível da máquina fotográfica [...]. Essas zonas opacas são alguns dos rastros que um texto (qualquer texto) deixa atrás de si. (C. GINZBURG, 2007, p.11-12)

Não coincidentemente, chamou-nos a atenção, os rastros identificáveis, essas zonas de opacidade, nos textos literários produzidos pela própria mãe de Carlo Ginzburg, a romancista italiana Natalia Ginzburg,⁵ que, à época em que iniciamos a pesquisa, era pouco conhecida no Brasil, entretanto, autora de uma vasta obra romanesca, teatral e ensaística. Entre as poucas obras de sua autoria publicadas em nosso país estão os romances *Caro Michele*, *Léxico familiar*, *A família Manzoni*, *O caminho que leva à cidade*, *Todos os nossos ontens*, a coletânea de contos *Família* e a coletânea de ensaios *As pequenas virtudes*.

Para as questões abordadas neste texto, interessam principalmente os romances *Léxico familiar* (2018) e *A família Manzoni* (2017) por possuírem características historiográficas ou, como procuramos demonstrar, micro-historiográficas, aproximando as produções textuais de Natalia e Carlo Ginzburg. Assim como o jogo intertextual proposto pela romancista em sua obra, seja pela citação direta, pela intertextualidade aberta com o discurso histórico ou com operações de transformação textual identificadas no romance *Todos os nossos ontens* (2020).

No entanto, é necessário ressaltar que não buscamos uma valorização da fidedignidade do texto literário ao discurso histórico, sequer um equilíbrio entre a história e a literatura. O objetivo, desde o início de nossas investigações, é buscar aproximações possíveis entre a historiografia – a escrita da história, propriamente – e as apropriações, representações, recriações, traduções e transformações do discurso histórico feitas por obras literárias e imagéticas, sejam ficcionais, documentais ou híbridas, na linha do que propôs o próprio Carlo Ginzburg:

⁵ Por tratar-se de dois autores com o mesmo sobrenome, mãe e filho, serão utilizadas as formas (N. GINZBURG) e (C. GINZBURG) para diferenciar Natalia e Carlo Ginzburg, respectivamente.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Contra a tendência do ceticismo pós-moderno de eliminar os limites entre narrações ficcionais e narrações históricas, em nome do elemento construtivo que é comum a ambas, eu propunha considerar a relação entre umas e outras como uma contenda pela representação da realidade. Mas, em vez de uma guerra de trincheira, eu levantava a hipótese de um conflito feito de desafios, empréstimos recíprocos, hibridismos. (C. GINZBURG, 2007, p. 09)

As obras de Natalia Ginzburg que compõem o *corpus* literário desta análise, excetuando-se *Todos os nossos ontens* que mantém relação de transtextualidade com *Léxico familiar*, foram escolhidas, justamente, por serem romances não-ficcionais que se baseiam em rememoração e relato, no caso de *Léxico familiar*, e pesquisas em acervos documentais, no caso d'*A família Manzoni*. Nosso propósito foi meramente identificar pontos de convergência e, conseqüentemente, distanciamentos entre a produção literária de Natalia Ginzburg e os fazeres historiográficos de seu filho historiador.

De conto em conto

Desde a Antiguidade, as civilizações ocidentais acreditam na oposição dos conceitos de verdade e poética, adjetivando os textos literários como “invenção”, “inspiração”, “fantasia”, “criação”. Aristóteles (384-322 a. C.), já em sua *Poética*, um dos textos mais antigos de teorização sobre criações poético-narrativas, estabelece a regra que, ainda hoje, norteia o senso comum separando o ofício do historiador e o do poeta, respectivamente: “um se refere aos eventos que de fato ocorreram, enquanto o outro aos que poderiam ter ocorrido” (ARISTÓTELES, 2015, p. 97).

Mas, na contemporaneidade, o romance, provavelmente a forma poética mais popular de nosso tempo, possibilita que “os eventos que de fato ocorreram” tornem-se literatura, como nas obras *Léxico familiar* e *A família Manzoni*, da escritora italiana Natalia Ginzburg, muito distintos em estilo e forma de composição, mas que narram não somente “a história” de duas diferentes famílias italianas, mas ainda como os processos históricos em curso afetaram profundamente suas vidas.

Publicado originalmente em 1963, *Léxico familiar* narra a história da família da própria Natalia Ginzburg, os Levi, de forma pouco convencional. Ao invés da formação de personagens habitual, a autora dá o protagonismo ao léxico especial utilizado por sua família, do surgimento



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

das expressões à sua lexicalização em formas ressignificadas. Não obstante, é preciso ressaltar que o pano de fundo não poderia ser mais icônico do ponto de vista da historiografia contemporânea: o Entreguerras.

Como o romance é escrito a partir de seu próprio testemunho, Natália Ginzburg não pôde se abster de um elemento que corrobora a ideia de verdade: seu tempo de vida, sua experiência como sujeito histórico. Nascida numa família judia, em 1916, na cidade de Palermo, para onde seu pai, Giuseppe Levi, fora transferido, sendo a mais nova de cinco irmãos, a guerra e a repressão do fascismo de Benito Mussolini foram uma constante na vida de Natália Ginzburg. A escritora só conheceu tempos de paz já adulta, viúva e mãe de três crianças pequenas, sendo uma delas Carlo Ginzburg. A autora introduz o romance com uma nota de advertência em que reitera a veracidade de seu relato:

Neste livro, lugares, fatos e pessoas são reais. Não inventei nada: e toda vez que, nas pegadas do meu velho costume de romancista, inventava, logo me sentia impelida a destruir tudo que inventara.

[...]

Escrevi apenas aquilo de que me lembrava. Por isso, se este livro for lido como uma crônica, será possível objetar que apresenta infinitas lacunas. Embora extraído da realidade, acho que deva ser lido como um romance: ou seja, sem exigir dele nada a mais, ou a menos, do que um romance pode oferecer. (N. GINZBURG, 2018, p. 15)

Já *A família Manzoni* (1983) narra a história da numerosa família do escritor italiano Alesandro Manzoni, considerado pai do romance italiano, através de trechos da correspondência trocada entre os de seu círculo íntimo e trata-se, sobretudo da história do livro *Os noivos* (1827), um romance histórico concebido a partir de um projeto político tão ambicioso quanto o de Dante Alighieri em sua *A divina comédia* (1472): a unificação linguística da Península Itálica; fato que o tornou um símbolo das lutas pela unificação territorial.

Natalia Ginzburg compôs o romance intercalando as cartas com uma voz narrativa heterodiegética que assume o tom de neutralidade das narrativas históricas, muitas vezes recorrendo ainda a citações de historiadores e biógrafos dos Manzoni. Na nota de abertura de *A família Manzoni*, a romancista confessa que:



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Este livro pretende ser uma tentativa de reconstrução e reordenamento minucioso da história dos Manzoni, por meio de cartas e o que se sabe a respeito da família. É uma história espalhada em vários livros, na maioria das vezes não encontrados nas livrarias – cheia de vazios ausências, zonas obscuras, como, aliás, toda história familiar que se tente juntar. É impossível preencher esses vazios e ausências.

Eu jamais havia escrito um livro desse gênero, que demandava outros livros e documentos. Os romances que escrevi frutos da invenção ou de lembranças, não precisavam de nada nem de ninguém. (N. GINZBURG, 2017, p. 21)

Em comum, as notas de abertura dos dois romances advertem sobre a natureza lacunar de seus textos: *Léxico familiar* por ser um registro memorialístico e *A família Manzoni* por tentar construir a representação de um tempo do qual somente seus restos textualizados dão testemunho, exigindo da romancista o esforço da pesquisa em fontes primárias.

É curioso perceber que aquilo que para a romancista tratar-se-iam dos pontos fracos de sua construção narrativa, para seu filho historiador é justamente o que possibilita narrar o evento histórico, pois a interpretação de suas fontes é o principal ofício de um historiador, é nas lacunas documentais que se tece a narrativa histórica. Sobre a composição de *O queijo e os vermes*, Carlo Ginzburg expõe:

Parecia-me que os documentos com que estava trabalhando (processos da Inquisição) abriam um leque muito amplo de possibilidades narrativas. A tendência a fazer experiências nessa direção, sem dúvida também solicitada por minha origem familiar, encontrava nas fontes um estímulo e um limite. Mas eu estava convencido (e ainda estou) de que entre os testemunhos, seja os narrativos, seja os não narrativos, e a realidade testemunhada existe uma relação que deve ser repetidamente analisada. (C. GINZBURG, 2007, p. 08)

E ainda que a atitude da romancista fosse simplesmente o relato, para contar essas histórias Natalia Ginzburg precisou perseguir seus rastros, fosse porque esforçar-se em se lembrar de acontecimentos específicos de sua vida, ou encontrar entre o acervo de correspondências dos Manzoni, o fio de uma narrativa que, embora lacunar, estabelece uma representação possível da experiência histórica de pessoas reais.

Assim, não seria absurdo propor uma aproximação entre os fazeres micro-historiográficos de Carlo Ginzburg e de sua mãe romancista, uma vez que o próprio historiador admite que suas origens familiares interferiram na escolha da forma textual do clássico *O queijo*



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

e os vermes, sem dúvida uma narrativa, mas que não deixa de ser resultado de uma pesquisa científica, apresentando resultados.

Mesmo que de forma intuitiva, Natalia Ginzburg empreende, nos romances já citados, um pacto com a verdade, narrando “eventos que de fato ocorreram”, comprometida em textualizar suas interpretações dos rastros em sua memória e nos documentos e livros que precisou consultar para *A família Manzoni*.

Quem conta um conto

Na fronteira entre biografia coletiva, autobiografia e livro de memórias, o romance *Léxico familiar*, como no discurso histórico, o discurso romanescos propõe-se a representar uma fração de uma realidade já desfeita e que não se assenta exclusivamente sobre o desenrolar dos fatos. Mas, distintamente do que se espera de uma narrativa tradicional, em *Léxico familiar*, ao invés de personagens, a autora dá o protagonismo ao léxico especial utilizado por sua família, o surgimento das expressões em situações denotativas, seus usos, em princípio, conotativos, até a sua lexicalização ressignificando completamente as expressões.

Em *A família Manzoni* também é a linguagem a protagonista do romance, no entanto, são as cartas deixadas pelos membros da família que nomeiam o romance que constituem uma porção considerável do texto, apresentando as escolhas lexicais de cada personagem em suas tratativas. Poucas também são as passagens que se dedicam às características das personagens que, além de poderem “falarem por si mesmas”, são apresentadas por retratos e fotografias pertencentes a diferentes acervos.

Seja na história ou na literatura memorialística, as lacunas são escamoteadas por recursos linguísticos e o mais vívido exemplo que se pode dar disso é o *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, citado textualmente por Natalia Ginzburg em *Léxico familiar* como uma das obras literárias favoritas de sua mãe e de seus irmãos Paola e Mario:

- Aqueles dois, o Mario e a Paola, quando crianças estavam combinados – dizia meu pai. – Lembra quando ficavam sempre cochichando com o finado Terni? Tinham a mania de Proust, não falavam de outra coisa [...].
- Quando sai sua tradução de Proust? – dizia-me minha mãe. – Faz muito tempo que não releio Proust. Mas me lembro dele, é lindíssimo! Lembro de Madame Verdurin! Odette! Swann! (N. GINZBURG, 2018, p. 226)



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Natalia Ginzburg, assim como seu marido, o filólogo Leone Ginzburg, trabalhou durante muito tempo na Einaudi como editora e tradutora. Entre seus colegas de trabalho estiveram os também escritores Cesare Pavese e Italo Calvino. Uma das traduções realizadas pela escritora foi *No caminho de Swann* para o italiano.

Há dois trechos do romance que chamam atenção por guardar relação de transtextualidade com outros textos de Natalia Ginzburg, o inverno passado em Abruzzo com o marido e os filhos pequenos – entre eles o historiador Carlo Ginzburg – como internos de guerra e o suicídio do amigo, o poeta Césare Pavese. Os mesmos fatos são os temas de dois de seus ensaios autobiográficos anteriores à publicação do romance: *Inverno em Abruzzo* (1944) e *Retrato de um amigo* (1957), respectivamente, republicados em 1962 na coletânea *Pequenas virtudes* (2020).

O inverno em Abruzzo também é ficcionalizado no romance *Todos os nossos ontens* (2020), publicado em 1952, também anterior à publicação de *Léxico familiar*. Narrado de forma heterodiegética, Anna, a protagonista, vivendo na pequena cidade natal do marido, testemunha a chegada dos judeus expropriados de suas posses e alijados do convívio social pelo regime fascista de Benito Mussolini, na Itália.

O primeiro dos textos a ser publicado, *Inverno em Abruzzo*, de 1944, apresenta-se como um ensaio autobiográfico onde a autora expõe sua experiência como prisioneira de guerra. O regime fascista de Benito Mussolini exilava judeus e desafetos políticos dentro do próprio território italiano, confinando-os em pequenos vilarejos longínquos, expropriando-os e alijando-os do convívio com os seus.

Os Ginzburg eram duplamente visados pelo fascismo. Além de judeus, Natalia e Leone – que era de origem ucraniana e, por isso, automaticamente associado ao comunismo soviético –, escritores e editores, eram reconhecidos por suas ligações com grupos de resistência ao regime de Mussolini. Leone foi preso mais de uma vez antes do confinamento em Abruzzo que significava tanto a limpeza étnica dos grandes centros urbanos da Itália, quanto a represália política:



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Aquilo era um exílio nossa cidade estava longe, e longe estavam nossos livros, os amigos, as várias e cambiantes vicissitudes de uma verdadeira existência. Acendíamos nossa estufa verde com o longo tubo que atravessava o teto: nos reuníamos todos na sala onde ficava a estufa, e ali se cozinhava e comia, meu marido escrevia na grande mesa oval, os meninos espalhavam os brinquedos no pavimento. No teto da sala havia uma águia pintada: e eu olhava a águia e pensava que aquilo era o exílio. O exílio era a águia, era a estufa verde que chiava, era o vasto e silencioso campo e a neve imóvel. (N. GINZBURG, 2020, p. 14)

Já no segundo texto, o romance ficcional *Todos os nossos ontens*, de 1952, a protagonista Anna, que aceitou casar-se com o melhor amigo de seu pai, Cenzo Rena, para salvar-se da desonra de uma gravidez indesejada, também cumpre uma espécie de exílio voluntário no vilarejo natal de seu marido, Borgo San Constanzo, fugindo dos bombardeios e da proximidade às zonas de guerra.

A chegada dos judeus internos de guerra representava uma novidade e uma pequena mudança no estático cotidiano. Mas, diferente do que alardeavam as propagandas antisemitas nazifascistas, sua chegada serviu para desmistificá-los, pois, “eram gente como os outros” (N. GINZBURG, 2020, p. 180) e partilhavam a miséria da pequena cidade agravada pela guerra.

Certo dia apareceram na casa de Cenzo Rena dizendo que os judeus estavam para chegar em Borgo San Constanzo. A polícia esparramava os judeus pelas cidadezinhas do interior, com medo de que se permanecessem nos grandes centros causassem algum dano à guerra [...]. Durante algum tempo, esperou-se em San Constanzo a chegada dos judeus, em Mauri e nas cidadezinhas haviam chegado judeus muito ricos, que gastavam muito dinheiro. Esperaram os judeus na praça da prefeitura. Mas os judeus que chegaram a a San Constanzo eram judeus pobres, três velhinhas maltrapilhas de Livorno com um canarinho na gaiola, e um turco que tremia de frio com um sobretudo claro. (N. GINZBURG, 2020, p. 180)

Em *Léxico familiar*, a autora relata a chegada de outros judeus em Abruzzo, na mesma situação que sua família.

Comentava-se, na cozinha durante as noites de inverno, e no terraço durante o verão, obre o lugarejo todo e os confinados, que tinham vindo, com a guerra, como nós, misturar-se à vida do lugar, compartilhando suas benesses e seus problemas [...]. Eram muitos os confinados, e entre eles havia ricos e paupérrimos: os ricos comiam melhor, compravam farinha e pão no mercado



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

negro, mas, tirando a comida, levavam a mesma vida dos pobres [...]. (N. GINZBURG, 2018, p. 174-175)

Apenas um detalhe não muda nos três textos criados pela romancista a fim de representar suas memórias daquele evento histórico: o assassinato de Leone Ginzburg, recriado também em *Todos os nossos ontens*, no assassinato de Cenzo Rena que, como Leone Ginzburg, usava “óculos com aro de tartaruga” (N. GINZBURG, 2020, p. 63) e a quem os camponeses vinham “para pedir conselhos e para que ele lhes escrevesse cartas, sobretudo pediam a ele conselhos, sobre doenças e sobre casamentos, e sobre compra e venda de sítios, e sobre a posse das terras e sobre como fazer para não ir à guerra” (N. GINZBURG, 2020, p. 178).

Leone Ginzburg que é descrito em *Léxico familiar* após sair da prisão usando “os óculos de aro de tartaruga preto, escorregando pelo nariz grande” (N. GINZBURG, 2018, p. 140), em Abruzzo, era chamado “de “o professor”, já que não sabiam pronunciar seu nome, e vinham de longe para consultá-lo sobre as coisas mais variadas, sobre a melhor estação do ano para arrancar os dentes, sobre os subsídios que a prefeitura dava e sobre as taxas e os impostos” (N. GINZBURG, 2020, p. 15). Enquanto no romance ficcional *Todos os nossos ontens* a morte da personagem Cenzo Rena é repercutida por várias páginas, em *Léxico familiar* lhe é dedicado apenas um parágrafo:

Chegando em Roma, respirei aliviada e achei que começaria para nós um tempo feliz. Não tinha muitos elementos para pensar assim, mas pensei. Tínhamos um alojamento nos arredores da Piazza Bologna. Leone dirigia um jornal clandestino e estava sempre fora de casa. Foi detido, vinte dias depois da nossa chegada, e não torneia a vê-lo nunca mais. (N. GINZBURG, 2018, p. 178)

Em *Inverno em Abruzzo*, publicado poucos meses após a morte do marido, Natalia Ginzburg não poupa o leitor das agruras de seu luto:

Meu marido morreu em Roma, nas prisões de Regina Coeli, poucos meses depois de termos deixado o vilarejo. Diante do horror de sua morte solitária, diante das angustiantes vacilações que a antecederam, eu me pergunto se isso aconteceu a nós, a nós que comprávamos as laranjas de Girò e íamos passear na neve. Na época eu tinha fé num futuro fácil e feliz, rico de desejos satisfeitos, de experiências e conquistas em comum. Mas aquele era o tempo



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

melhor da minha vida, e só agora, que me escapou para sempre, só agora eu sei. (N. GINZBURG, 2020, p. 18)

No caso de *A família Manzoni*, fora os trechos desenvolvidos pelo narrador, identifica-se a construção de um centão, um texto formado a partir da colagem de trechos de outros textos, num processo definido pela teórica francesa Tiphaine Samoyault, em *A intertextualidade*. como intertextualidade integrante.

A intertextualidade integrante apresenta o mundo para que seja lido ao vivo. A colagem, tal como podemos considerar seus procedimentos, tem com frequência como objetivo colocar o real na arte, sem transpô-lo. Ao fazer isso, o procedimento acusa a heterogeneidade dos discursos, mas amplia também a capacidade de acolhida do texto literário. Fragmentos do real [...] podem migrar para a literatura, sem que esta última seja totalmente afetada por isso. (SAMOYAULT, 2008, p. 113-114, grifo da autora)

A heterogeneidade discursiva para a qual aponta Samoyault aparece no texto de Natalia Ginzburg como índice de realidade e da experimentação do estilo narrativo a que se referiu Carlo Ginzburg, em *O fio e os rastros*. Ao mesmo tempo que expõem e comprovam a existência das personagens, suas experiências num mundo que já não existe e suas impressões sobre ele, são um artifício técnico empregado pela romancista para a construção de falas monológicas (uma vez que nem todas as correspondências são respondidas) e dialógicas. A hibridez do texto romanescos conduz tanto para a construção de um repositório das memórias dos Manzoni, reconstituindo seu cotidiano e seu testemunho, quanto para o refinamento técnico de Natalia Ginzburg que tece o enredo de *A família Manzoni*.

Também neste texto a autora faz referência direta a outros livros e poemas escritos por Alessandro Manzoni ao longo de sua vida com especial destaque para o romance histórico *Os noivos*, a única obra do gênero por ele escrita. Apesar de nenhuma passagem do livro ser textualmente citada, o romance parece ocupar a função de uma personagem que, como Manzoni, pouco fala – o escritor, apesar de ser citado em praticamente todas as cartas e até acrescentar algumas frases de saudação em outras, raramente as escrevia –, mas é um dos principais assuntos das missivas, como se pode ver no trecho da carta da filha Giulietta ao poeta Claude Fauriel, seu padrinho e um dos melhores amigos de Manzoni:



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

“Devo contar que sentimos um imenso prazer diante da obra de papai, na verdade superou não só nossa expectativa, mas toda a esperança: em menos de vinte dias foram vendidas seiscentas cópias, é um verdadeiro furor, não se fala em outra coisa; fazem fila para poder comprá-lo. Papai vive rodeado de pessoas e de cartas de todos os tipos e de todas as classes, também saíram artigos muito favoráveis e estão previstos outros.” (N. GINZBURG, 2018, p. 149, entre aspas no original)

Descendente de uma pequena nobreza rural do Piemonte, Alessandro Manzoni dedicou-se à poesia nos anos de juventude, mas tornou-se famoso pelo único romance que escreveu. Durante muitos anos, dedicou-se à pesquisa do dialeto florentino, acreditando que, por ter sido a língua materna de Dante Alighieri, simbolizava uma matriz para a unificação linguística e, futuramente, territorial da Itália, “pois a verdadeira parecia-lhe ser a que falavam naquela região” (N. GINZBURG, 2018, p. 127). Em uma carta também a Claude Fauriel, informa sobre seu cotidiano em família e:

Em seguida conta sobre o *fartras*, o romance: “Tentei conhecer com exatidão e pintar com sinceridade a época e o lugar em que situei minha história, eis tudo o que honestamente posso lhe dizer. O material é rico: nele se encontra em abundância tudo aquilo que pode levar os homens a fazer triste figura: a firmeza na ignorância, a presunção na estupidez, a desfaçatez na corrupção constituem, talvez, as características mais relevantes daquela época, entre outras do mesmo tipo. Por sorte, também há homens e caracteres que honram a espécie humana [...]. (N. GINZBURG, 2018, p. 115)

Enfermiço desde a juventude e sempre às voltas com as tragédias familiares, sobrevivendo a duas esposas e praticamente todos os filhos – pelo menos doze nascidos vivos e dos quais somente Vittoria e o enteado Stefano Stampa viviam quando de sua morte – contra todos os prognósticos, Manzoni tornou-se um escritor que não escrevia sequer a própria correspondência.

Após a publicação de *Os noivos*, dedicou-se unicamente a aprimorar as edições posteriores corrigindo o texto, acrescentando ou retirando passagens e ilustrações. Já idoso, compôs o primeiro parlamento organizado após a Unificação Italiana, reconhecimento da importância de seu romance como símbolo da unificação que se faz clara quando da anexação



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

do Piemonte à república ainda em formação, como relatado em carta por Teresa Borri Stampa Manzoni, sua segunda esposa:

Certa noite, Manzoni foi instado a aparecer à sacada. Na rua, havia trezentos estudantes “acompanhados por uma multidão”, Teresa escreveu a Stefano, “e até por senhoritas com seus criados” [...]. Ladeado por dois criados, Domenico e Cormanino, que seguravam as luzes (“as luzes do século”, comentava Teresa), ele “apareceu na sacadinha ou balcãozinho do pobre Filippo” e gritou: “Viva! Viva a Itália!”. Eles então gritaram: “Viva Manzoni!”. E ele: “Não! Não! Viva a Itália e quem luta por ela! Eu não fiz nada! Não passo de um ‘desejo’”. E eles: “Não! Não! O senhor fez muito! Deu a iniciativa a toda a Itália! Viva! Viva Manzoni, paladino da Itália!”. (N. GINZBURG, 2018, p. 350)

Considerações finais

Com as breves comparações aqui apresentadas, procuramos mostrar que os textos da escritora italiana Natalia Ginzburg em questão não podem ser completamente dissociados de um estatuto de verdade. Ainda que a intenção da romancista seja “puramente literária”, os relatos de sua experiência como uma mulher judia frente ao fascismo mussoliniano e a cerzidura textual dos relatos epistolares dos Manzoni, de certa maneira, aproximam sua produção literária dos fazeres historiográficos de seu filho, Carlo Ginzburg.

E mesmo que não tenhamos buscado um equilíbrio de forças entre discurso histórico e discurso literário na “contenda pela representação da realidade”, como já dito, a interpretação dos rastros legados pelo passado que Natalia Ginzburg se propõe para urdir seus fios narrativos de *Léxico familiar* e *A família Manzoni* em muito se assemelham aos métodos de pesquisa da micro-história.

Também as relações de intertextualidade construídas nos romances citados se apresentam como uma espécie de arquivo, repositórios da memória e da história da literatura e das personagens-escreventes, sejam os Manzoni, ou a própria Natalia Ginzburg. O registro memorialístico, mesmo que romanesco, acaba por se tornar uma salvaguarda contra o esquecimento e o apagamento a que nós, seres mortais, estamos inexoravelmente sujeitos.

Referências



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. Tradução Roda Freire de Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Natalia. **A família Manzoni**. Tradução Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GINZBURG, Natalia. **As pequenas virtudes**. Tradução Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

GINZBURG, Natalia. **Léxico familiar**. Tradução Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GINZBURG, Natalia. **Todos os nossos ontens**. Tradução Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras; Tag, 2020.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec; Aderaldo & Rothschild, 2008.